

Thaís Ribeiro Bueno

Universidade Estadual de Campinas
Unicamp

thaida03@yahoo.com.br

Viviane Veras

Universidade Estadual de Campinas
Unicamp

viveras@iel.unicamp.br

O TEXTO HÍBRIDO DE ANZALDÚA E A RE- ESCRITA DE HINOJOSA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA REFLEXÃO SOBRE UMA TRADUÇÃO DOS ATRAVESADOS

Anzaldúa's hybrid text and Hinojosa's re-writing: contributions for a reflection on a translation of the atravesados

RESUMO

De que formas a tradução pode ser relacionada ao processo de choque de culturas e à emergência do hibridismo linguístico presente em regiões de fronteira – mais especificamente, no contexto da cultura chicana que tem se desenvolvido de maneira política e socialmente conflituosa na região da fronteira entre México e Estados Unidos? Com base em conceitos formulados por autores das linhas pós-estruturalista (a *différance* de Jacques Derrida, e a tradução ética de Antoine Berman) e pós-colonialista (o sujeito híbrido em Homi Bhabha e a tradução como resistência proposta por Tejaswini Niranjana), busca-se avaliar em que medida a tradução pode assumir papéis relevantes na constante reformulação das identidades dos sujeitos emergentes nos entre-lugares e em discursos fronteiriços. A análise terá como foco a linguagem híbrida presente em duas obras representativas da literatura chicana: *Borderlands/La Frontera – The New Mestiza*, escrita por Gloria Anzaldúa e publicada em 1987, e *Mi Querido Rafa*, de autoria do chicano Rolando Hinojosa, escrito em 1981. A partir de reflexões sobre as (im)possibilidades de tradução que a obra de Anzaldúa oferece e a experiência de autotradução de Rolando Hinojosa, é possível considerar a fronteira um lugar privilegiado para pensar as constantes reformulações e negociações (quase sempre social e politicamente violentas) e pensar o ato tradutório como uma rede complexa de operações, na qual estão em jogo questões políticas, poder e subjetividades.

Palavras-Chave: tradução; textos híbridos; literatura chicana; Glória Anzaldúa; Rolando Hinojosa.

ABSTRACT

By each ways could translation be related to process such as the clash of cultures and the emergence of hybrid languages in border regions? Specifically in the case of the chicano culture, which was established on the Mexican/US border and presents a conflictuous social and politic development? This paper is based on concepts by poststructuralist authors (the *différance* proposed by Jacques Derrida and the idea of ethical translation presented by Antoine Berman) and postcolonialist theorists (Homi Bhabha's hybrid subjects and Tejaswini Niranjana's concept of translation as resistance), and aims at analysing the ways by which translation could play relevant roles in the constant process of identity reformulation experienced by the border subjects that emerge from in-between spaces and border discourses. This analysis focus on the hybrid language presented in two chicano literary works: *Borderlands/La Frontera – The New Mestiza* (1987) by Gloria Anzaldúa and *Mi Querido Rafa* (1981) by Rolando Hinojosa. The translation (im)possibilities provided by Anzaldúa's work and the self-translation made by Hinojosa allows us to think about the borderlands as a privileged site for reflecting on the incessant reformulation and negotiation (socially and politically violent) and about translation as a complex operation network of politic, power and subjectivity issues.

Keywords: translation; hybrid texts; chicano literature; Gloria Anzaldúa; Rolando Hinojosa.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 22/01/2011
Avaliado em: 10/02/2011

Publicação: 6 de abril de 2011

1. INTRODUÇÃO

Dentro dos limites em que é possível, em que pelo menos parece possível, a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se essa diferença nunca é pura, a tradução também não o é, e temos de substituir a noção de tradução por uma noção de transformação: transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro.

Jacques Derrida (1975, p.30)

Consequência do processo de globalização que se desenvolve há décadas no mundo ocidental, a *pós-modernidade tem sido amplamente discutida em várias áreas do conhecimento, sobretudo no que tange aos chamados Estudos Culturais*. Percebe-se que as formas de consumo e as relações sociais entre diferentes culturas têm sofrido alterações relevantes, e que multiculturalismo e identidade se tornaram questões da ordem do dia.

Esse novo contexto acaba por evidenciar uma reorganização (ou desorganização) do que se conhecia como mundo moderno. Fatores como a cultura de massa, a centralização da cultura, a polarização do poder político e a homogeneização das relações sociais em classes definidas cedem espaço a relações em que o individual e a subjetividade são determinantes. Nesse espaço, fronteiras até então perfeitamente definidas sofrem uma forte necessidade de redefinição¹.

Essa redefinição de fronteiras culturais envolve não apenas repensar o papel de políticas que levem em conta o papel da subjetividade na produção cultural, mas também implica mudanças no processo de reflexão sobre sujeito, linguagem e, conseqüentemente, sobre tradução. Essa última, especificamente, no contexto de pós-modernidade e de redefinição de fronteiras, também necessariamente passa por esse processo de redefinição, assumindo novas funções e papéis.

Se a tradução foi considerada durante algum tempo uma forma de transmissão de significados e valores culturais entre duas línguas, atravessando uma fronteira que legitima os binarismos e a própria tradução, nos dias de hoje, a partir da obra fundadora de Walter Benjamin ([1923] 2008), não pode mais ser pensada como uma atividade utilitária que se restringe a esse movimento *de... para...* Quando afirma que uma tradução não é feita para aqueles que não entendem o texto original, Benjamin exclui que uma tradução – assim como um poema – se faça para um destinatário, em função de um leitor. Pode-se dizer hoje que, mais do que servir de *ponte* entre línguas e culturas, ela atua na constituição de novos espaços, além de representar uma alternativa de atuação e intervenção política, sobretudo em contextos de exploração social e de colonização. De acordo com Venuti (2008), “a intervenção política feita pela tradução na cultura pós-

moderna pode ser mais bem imaginada como uma atividade local de resistência contra discursos e instituições dominantes” (p. 22)².

Nesse contexto, é extremamente relevante a discussão acerca dessas zonas de fronteira em que se associam, de forma aparentemente contraditória, a mobilidade e a permanência, uma vez que se trata de espaços de intercâmbio, de negociação tensa e de trânsito controlados. Esses entre-lugares resultam, portanto, dessas novas articulações culturais e do conceito de sujeito situado que delas emergem em um cenário no qual a forma de conceber nacionalidade e representação também mudou radicalmente. De acordo com Homi Bhabha (2003, p.20):

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínios da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [*nationess*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam os sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/ classe/ gênero etc.)?

As questões que Bhabha nos propõe são aquelas que figuram no centro do debate denominado pós-moderno, e que estão relacionadas – entre outras coisas – às formas de representação e aquisição de poder por parte dos países que hoje são produtos de políticas coloniais e do liberalismo econômico dos séculos XIX e XX. O modo como tais estratégias de representação e de aquisição de poder se dá, segundo Bhabha e ao contrário do que se pode pensar pelo senso-comum, “pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável” (2003, p.20).

Exemplos bastante relevantes da questão acima descrita podem ser conferidos na produção literária chicana³, referente à cultura que se criou na região da fronteira entre o México e os Estados Unidos. Como um fenômeno cujas raízes se encontram mesmo antes do processo de colonização espanhola do México, a cultura chicana tornou explícita a problemática do entrecruzamento de culturas e as diversas consequências – culturais, sociais, políticas e linguísticas – resultantes de tal fenômeno. A emergência do sujeito chicano que a um só tempo vive no plano de antepassados indígenas, da colonização espanhola e das culturas mexicana e norte-americana, evidencia a relevância de conceitos como hibridismo e entre-lugar. Mais que isso, os fenômenos que surgem no contexto

¹ Consideramos a crítica apontada por Seligmann-Silva (2007), que alerta para o perigo de a tentativa de exaltar o *local* acabar por auto-exotizá-lo, numa espécie de culto que se poderia chamar de “romântico” e conservador, com o *subalterno* no lugar do *herói* (p. 43-44).

² Todas as citações cujo tradutor não está indicado nas referências são traduzidas pelas autoras.

³ É importante destacar que em português a palavra “chicana” (na forma homônima do feminino de “chicano”) tem o sentido de tramóia, trapaça; juridicamente é uma manobra capciosa. O dicionário Houaiss registra a origem francesa *chicane*, com o sentido de criar obstáculos à passagem, atrapalhar. O dicionário espanhol-português da editora Porto define “chicana” como um galicismo que significa *embuste*, *triquiñuela*. O Dicionario da Real Academia Española traz duas entradas: a primeira, como *artimaña*, *procedimiento de mala fe*; a segunda entrada (*chicano*, *na*) registra a origem mexicana: “Se dice del ciudadano de los Estados Unidos de América perteneciente a la minoría de origen mexicano allí existente”.

chicano revelam a necessidade de se repensar não apenas a língua, que assume definitivamente um caráter heterogêneo, mas também a tradução, que agora assume o sentido mais amplo e mais complexo de uma forma de prática linguística e cultural. Nesse sentido, é preciso considerar que, se a tradução não é passagem, ponte, nem transporte entre sistemas linguísticos, é porque também não se propõe como uma forma de confirmar uma fronteira estável que essencializaria a diferença cultural, mas como uma rede de significações e uma possibilidade de re-escrita e constante re-constituição de sujeitos. De acordo com Derrida (1985, p. 5):

De alguma forma, isso [a diferença do sistema de línguas inscrita em uma só língua] viria a ameaçar a integridade de cada sistema linguístico pressuposto nos conceitos de Jakobson: cada um dos seus três conceitos (tradução intralingual, tradução interlingual, ou “tradução propriamente dita”, e tradução intersemiótica) supõe que exista uma língua, que exista uma tradução no sentido próprio, quer dizer, como passagem de uma língua para outra; e se a unidade do sistema linguístico não está assegurada, toda essa conceituação em volta da tradução (no sentido dito “próprio” da tradução) é ameaçada.

No presente estudo, pretende-se avaliar, a partir do contexto pós-moderno de produção cultural e das novas relações sociais estabelecidas, como os papéis da tradução podem também ser redefinidos. Nesse cenário em que o inglês globalizado é adotado como uma espécie de língua franca não faz mais sentido falar, por exemplo, em integridade e unicidade de línguas particulares; contudo, vale lembrar que traços específicos de uma língua podem estar em ação quando se escreve em outra e que, de uma língua por e para outra, a tradução pode sempre fazer que se encene, na diferença das línguas, a dimensão performativa da linguagem – dimensão de que só nos damos conta nesse *passe-partout* que faz o traduzir.

A partir de questões levantadas no livro *Borderlands/La Frontera – The New Mestiza*, escrito pela autora norte-americana Gloria Anzaldúa, da experiência de “autotradução” vivenciada pelo autor Rolando Hinojosa, quando de sua tradução do livro *Mi querido Rafa* para o inglês, propomos uma releitura dos modos tradicionais de pensar a linguagem e as relações de poder inerentes aos intercâmbios linguísticos em situações de opressão social e entrecruzamento de culturas. Acreditamos que, nesses espaços, os sujeitos têm suas identidades enlaçadas, lembrando aqui a da noção de “braiding languages”, destacada por Rajagopalan (2010) no trabalho de Diana Montejano, para sublinhar o fato de que esses escritores mexicanos americanos não podem ser tomados como um bloco monolítico étnico e linguístico.

2. A NOVA MESTIZA

Borderlands/La Frontera foi escrito por Gloria Anzaldúa e publicado primeiramente em 1987. Nesse livro, valendo-se de diversos gêneros textuais e registros discursivos, a autora

enfoca o surgimento de uma nova identidade – a nova *mestiza* – em um contexto cultural, político e social específico: a cultura chicana que se estabeleceu na fronteira entre México e Estados Unidos. A partir de uma análise da mistura de diferentes históricos culturais nessa região (a cultura indígena pré-colonização, a colonização espanhola e o domínio norte-americano), Anzaldúa propõe uma reflexão acerca dos hibridismos resultantes dessa situação e de como esse contexto favorece o surgimento de novas formas de pensar as identidades:

O que acontece a pessoas que, como eu, estão entre todas essas diferentes categorias? O que isso tem a ver com concepções de nacionalismo, raça, etnia, ou mesmo gênero? Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência na Fronteira (...) Eu tinha que descobrir, por conta própria, algum outro termo que pudesse descrever um nacionalismo mais poroso, aberto a outras categorias de identidade. (ANZALDÚA *apud* COSTA; ÁVILA, 2005, p. 692)

A partir dessa reflexão, Anzaldúa percorre em *Borderlands/La Frontera* caminhos que perpassam (e subvertem) gêneros como poesia, autobiografia, ficção e discurso analítico, criando uma linguagem híbrida apoiada nos idiomas inglês e espanhol (e em suas respectivas variações regionais), bem como em expressões do Nahuatl (língua falada pelo império asteca em todo o México, mesmo antes de sua dominação pela Espanha, no século XVI). Com isso, a autora não apenas trata questões relacionadas à diferença (seja ela sexual, racial, étnica, pós-colonial ou de classe), mas descontextualiza-as, para recontextualizá-las e redefini-las segundo novas categorias e novas fronteiras, por meio de uma linguagem e de um discurso constituído por múltiplas vozes que acenam para a valorização da “voz diferente”.

Com base nessa estratégia discursiva, Anzaldúa discute em *Borderlands/La Frontera* as principais implicações desse entrecruzamento cultural e étnico, iniciando pela questão da apropriação de terras do norte do México pelos Estados Unidos em 1848 (Tratado de Guadalupe-Hidalgo) e pelo surgimento de uma nova minoria étnica na região: os chicanos, norte-americanos descendentes de mexicanos.

A partir dessa problemática, a autora analisa o conceito de história e vai tecendo em seus ensaios as formas como essa história tem sido moldada a partir do discurso oficial das escolas norte-americanas – discurso esse que supervaloriza a cultura norte-americana e apaga qualquer vestígio das raízes culturais mexicanas. A autora inicia essa análise utilizando uma linguagem de texto histórico, para em seguida realizar uma transição para uma linguagem de testemunho pessoal.

A partir da definição de história e da crítica à tradição histórica ocidental, que, segundo a autora, seria não apenas etnocêntrica mas também androcêntrica, Anzaldúa critica a opressão feminina representada por esse discurso tradicional e propõe uma análise de cunho feminista da situação em que se encontra a chicana, esse sujeito que

nasceu e vive na condição singular de habitante da fronteira. Nessa situação, Anzaldúa defende uma postura que recusa tanto o idioma espanhol (que simboliza a imposição machista da cultura mexicana) quanto o inglês (idioma imposto à chicana em sua fase adulta), e adota uma linguagem híbrida, de característica *chicana-mexicana-tejana*, que dê conta dessa nova identidade que aflora nesse sujeito singular: a nova *mestiza*, a mulher ambígua que se vê, ao mesmo tempo, como ser feminino e masculino, e que recusa e vai além das dualidades tradicionais como homem/mulher, espanhol/inglês, mexicano/norte-americano.

É importante notar que essa nova consciência e essa nova identidade *mestiza*, ao mesmo tempo em que permitem e validam um discurso híbrido, dotado de estratégias que adotam a variedade de idiomas e gêneros textuais, também dependem dele, e se constroem permanentemente a partir desse discurso. Essa característica fica particularmente evidente no capítulo “How to tame a wild tongue” [Como domar uma língua selvagem], no qual Anzaldúa explica a situação peculiar dos usos da(s) língua(s) trançados por essa nova *mestiza*, e evidencia certo viver em tradução no qual se encontra a chicana, sujeito que se equilibra entre as diversas situações sociais e, em cada uma delas, vê-se obrigada a falar uma língua diferente.

3. COMO DOMAR UMA LÍNGUA MESTIZA

No capítulo *How to tame a wild tongue*, Anzaldúa continua adotando a linguagem híbrida (espanhol, inglês e Nahuatl, bem como as escritas alfabética e pictográfica) para mostrar como se tecem essas línguas na fronteira entre México e Estados Unidos. A autora reflete sobre o uso não apenas das línguas e das escritas aqui citadas, mas também sobre as variantes dessas línguas que no contexto enfocado por Anzaldúa são, conforme a própria autora expõe, inevitavelmente hierarquizadas (2007, p.77):

- a) Inglês-padrão.
- b) Inglês falado pela classe trabalhadora e inglês informal.
- c) Espanhol-padrão.
- d) Espanhol-padrão do México.
- e) Dialeto falado no norte do México (variante do espanhol).
- f) Espanhol chicano (com variações regionais no Texas, Novo México, Arizona e Califórnia).
- g) Tex-Mex.

h) Pachuco⁴ (chamado *caló*).

Neste ponto, características que já estão presentes em todo o livro (desde o título, escrito em duas línguas separadas pela barra “/” ou por um traço, simbolizando graficamente a fronteira) apresentam ao leitor questões que estão na ordem do dia do discurso pós-moderno: a *différance* derridiana, a hibridização cultural, a singularidade e a subjetividade da escrita *mestiza*, a linguagem como centro e local para jogos de poder. No capítulo em questão, escreve Anzaldúa (2007, p.80):

Linguistic Terrorism

Deslenguadas. Somos los del español deficiente. We are your linguistic nightmare, your linguistic aberration, your linguistic mestizaje, the subject of your burla. Because we speak with tongues of fire we are culturally crucified. Racially, culturally and linguistically somos huérfanos – we speak an orphan tongue.

No trecho acima, ficam evidentes os jogos de poder presentes na forma como se dão os intercâmbios linguísticos e o constante ato tradutório que se desenrola em um único parágrafo. Anzaldúa sugere tais jogos de poder político não apenas no título “Terrorismo Linguístico”, mas também no uso da tipologia em itálico para os termos em espanhol (representativos da minoria chicana), na mestiçagem linguística representada pelo uso concomitante dos idiomas inglês e espanhol e na expressão “língua de fogo”, que alude ao mito bíblico da língua falada pelo Espírito Santo⁵ e estende a recriminação social à perseguição religiosa.

É justamente nesse ponto que podemos refletir como tradução se impõe como norma e condição para a construção de novas identidades culturais. De acordo com Homi Bhabha,

Essa teoria da cultura (a hibridização) está próxima a uma teoria da linguagem, como parte de um processo de traduções usando essa palavra, como antes, não no sentido estritamente linguístico de tradução, como, por exemplo, um livro traduzido do francês para o inglês, mas como um motivo ou tropo como sugere Benjamin para a atividade de deslocamento dentro do signo linguístico. (BHABHA *apud* COSTA; ÁVILA, 2005, p. 694)

Ou seja, a natureza textual de *Borderlands/La Frontera*, particularmente no capítulo “How to tame a wild tongue”, evidencia o *status* da tradução como norma, ao invés de exceção. Nessa situação, reforça-se a ideia de que a tradução não constitui simplesmente um mero acidente infeliz, ou uma transmissão sempre infiel do original-

⁴ Pachuco é a denominação dada à cultura e à comunidade de jovens de origem mexicana que se estabeleceram na região da fronteira entre México e Estados Unidos (notadamente na região de El Paso e Benito Juarez) nas décadas de 1930 e 1940. O *calló* era o dialeto falado pelos pachucos, constituído a partir do espanhol mexicano. Um belo e poético retrato do pachuco pode ser conferido em “O pachuco e outros extremos”, de Octavio Paz (1984).

⁵ Segundo a passagem bíblica de Pentecostes, os apóstolos teriam se reunido e recebido do Espírito Santo, materializadas em línguas de fogo, a palavra de Deus; a partir de então, teriam passado a pregar o Evangelho em “línguas estranhas”.

primordial, mas sim uma necessidade, uma norma. Em contextos que envolvem não apenas duas, mas várias línguas, como é o caso da região da fronteira descrita por Anzaldúa, o caráter obrigatório da tradução torna-se muito mais evidente. Nesse contexto, a visão tradicional da tradução se inverte: em uma volta à situação babélica, não é a tradução que falha e deve ao original; ao contrário, é o original que assume uma dívida eterna com a tradução, que chama a tradução e que depende dela para a sua sobrevivência, no sentido definido por Walter Benjamin (2008) em *A Tarefa do Tradutor*.

Essa visão de tradução é de fato vivida por Jacques Derrida quando de sua estadia em Quebec, a propósito de sua participação na *Mesa-Redonda sobre Tradução*:

Há dois ou três dias faço a experiência de enunciados em três línguas, numa só frase; é esta a singularidade do que acontece aqui, neste momento, para nós, além do fato de que os próprios participantes da mesa redonda estão numa situação linguística muito particular. [...] nenhum de nós está à vontade, como um peixe n'água, na língua que se fala aqui. Se não me engano, nenhum dos que se encontram nessa mesa tem o francês como língua materna, a não ser nós dois, e mesmo assim, você (Péraldi) é francês, mas eu não. Eu venho da Argélia. Tenho portanto uma outra relação com a língua francesa. (DERRIDA, 2000, p.28)

Esse não estar à vontade, de que fala Derrida, pode ser interpretado como uma consequência das relações de poder que perpassam qualquer situação comunicativa. Se, conforme afirma Rajagopalan (1998), “desigualdades de poder são justamente o que se deve esperar em qualquer contexto comunicativo” e “toda comunicação envolve tradução”, pode-se depreender que a tradução assume então um forte poder político e que o tradutor tem grandes responsabilidades por esse poder. Em situações como a exposta em *Borderlands/La Frontera*, em que a tradução se coloca como condição para o trânsito cultural, o sujeito falante (neste caso o chicano) encontra-se na situação pura de jogos de poder, no qual estão em jogo História, política, nacionalidades e subjetividade. Esse poder político da tradução é o mesmo discutido por Rajagopalan (2000, p.50) em sua análise da atividade tradutória em contextos de colonização: “[...] a atividade tradutória – a mesma que selou o processo de colonização – acaba se tornando, nas mãos dos colonizados, o único meio de resistência e, ao mesmo tempo, a arma mais poderosa para alcançar seus objetivos”.

A resistência e a arma em questão são utilizadas por Gloria Anzaldúa ao se apropriar de discursos e idiomas ditos legítimos em determinados contextos de poder e dominação para, em seguida, recontextualizá-los, a fim de estabelecer uma constante reconfiguração de novas identidades, como forma de resistência ao poder instituído. De certa forma, traduzir Anzaldúa talvez seja a única maneira de lê-la, de viver essa experiência de tentar “domar” essa língua selvagem.

4. HOMENS TRADUZIDOS

Embora o livro de Anzaldúa aqui em questão possa ser categorizado como literatura chicana e apresente diversos pontos que são comuns a outras obras de mesma orientação literária, é relevante notar que não se pode falar de uma literatura chicana propriamente dita, uma vez que essa literatura não pode ser entendida como uma entidade homogênea, no que se refere tanto a questões políticas e sociais quanto lingüísticas, tratadas nesses livros. Anzaldúa apresenta em *Borderlands/La Frontera* diversos sistemas de opressão social que se desenvolvem sobre os chicanos, mas não se limita a isso. Além de questões sociais, a autora levanta também discussões relativas a gênero, em sua crítica à sociedade patriarcal que se desenvolveu no México, e a etnia, ao defender a hibridização das culturas mexicana, norte-americana e asteca para a constituição da nova *mestiza* por vir.

Reflexões de tal ordem não estão presentes em toda a literatura chicana. No caso de Rolando Hinojosa, autor de *Mi querido Rafa* e de sua “autotradução” *Dear Rafe*, é possível notar que as principais questões levantadas limitam-se basicamente à esfera social, não sendo abordadas questões de gênero ou sexo. Além disso, a própria tradução evidencia a forma como as escolhas feitas pelo tradutor estão carregadas de questões políticas e ideológicas bastante divergentes daquelas que orientaram a escrita de Anzaldúa.

O livro *Mi querido Rafa* foi escrito e publicado por Hinojosa, primeiramente, em 1981, como parte da série *Klail City Death Trip*. Essa série inclui 15 volumes: o primeiro, *Estampas Del Vale y Otras Obras*, foi publicado em 1973, e o último, *We Happy Few*, em 2006. No decorrer de todo o período em que se dedicou à série em questão, Hinojosa empregou, em maior ou menor grau, a linguagem híbrida de espanhol mexicano e inglês norte-americano, o chamado “spanglish”, que constitui uma das variedades do falar chicano.

No caso de *Mi querido Rafa*, nem mesmo o gênero textual predominante no romance – a carta – impede que o autor elabore uma linguagem predominantemente híbrida. Sendo o próprio Hinojosa um chicano nascido no Texas, torna-se não apenas uma questão lingüística, mas também social, a elaboração de um romance que reflita os usos lingüísticos que se dão na fronteira.

Assim, no decorrer da troca de cartas realizadas pelo personagem Rafa e seu primo Jehú, o leitor é apresentado não apenas ao cotidiano do condado de Belken, região fictícia localizada no Vale do Río Grande, na fronteira entre México e Estados Unidos, mas também às constantes mudanças de código lingüístico a que estão submetidos,

inevitavelmente, os sujeitos que habitam a fronteira e têm como constante em seu cotidiano a migração e a desterritorialização.

É necessário notar as mudanças de código nunca são arbitrárias. Na obra em questão, os personagens frequentemente utilizam o espanhol em situações que são, para eles, mais confortáveis – quando falam sobre fatos ocorridos em contextos familiares, em conversas com amigos, em festas. Já o inglês surge, obviamente, como a língua falada no trabalho, em contextos sociais ou, até mesmo, para formular frases que carregam a ideologia norte-americana. Pode-se conferir um exemplo de tais usos no trecho em que Jehú escreve a Rafa sobre um fato ocorrido quando de uma reunião social com vários norte-americanos de origem anglo-saxã e que exprime, mesmo que de forma implícita, impressões sobre questões sociais e raciais: “Well, just how many mexicans did Noddy invite? *Eramos cinco en el grupo y yo 1) el único raza there; and 2) el más cerca de ella*” (1981, p.15).

Os usos linguísticos característicos da fala chicana que figuram em *Mi querido Rafa* estão fortemente relacionados aos constantes movimentos de migração e cruzamento de fronteira a que os chicanos estão sujeitos. Tais sujeitos seriam aqueles que Salman Rushdie (1994) chama de “homens traduzidos”: sujeitos submetidos à mobilidade e à constante travessia de fronteiras e limites. “Os emigrados – homens levados através – são seres metafóricos na sua própria essência, e a emigração, vista como metáfora, está em toda parte em torno de nós. Todos nós atravessamos fronteiras; num sentido, somos todos emigrados” (RUSHDIE, 1994, p. 307-308). Essa relação entre migração, cruzamento de fronteiras e tradução também foi elaborada por Rushdie em outro momento, de forma mais enfática e categórica: “Tendo sido transportados por todo o mundo, somos homens traduzidos” (id.ibid., p.17).

Assim, pode-se notar de forma clara que a tradução, no sentido mais amplo do termo, está intimamente relacionada com o que entendemos como fronteiras nacionais e conceitos de nacionalidade que estavam no cerne da ideologia romântica europeia do século XIX, conceitos esses que ainda hoje predominam em boa parte das culturas ocidentais. Nesse sentido, a tradução cultural passa a ter grande relevância para a dinâmica dos fluxos de informação entre os países e para a forma como tais fluxos se organizam. E, sendo uma ferramenta poderosa, é preciso considerá-la também algo que pode servir a diversos tipos de interesses políticos e sociais. De acordo com Colas (1992, p.101), “o estado nacional prefere a tradução ao pluralismo linguístico. A tradução o mantém dentro do princípio de superposição de fronteiras culturais e políticas. O pluralismo linguístico o desloca ao afirmar as lealdades culturais múltiplas”.

No entanto, se por um lado a tradução pode funcionar como ferramenta que reforça e resguarda a manutenção das fronteiras nacionais, ela também pode ser tomada como forma de resistência e reescrita da história, como defendem, por exemplo, autores de linha pós-colonialistas como Tejaswini Niranjana: “A desconstrução iniciada pela re- tradução abre um espaço pós-colonial à medida que torna a ‘história’ legível” (1992, p.135).

Essas diferentes possibilidades de efeitos gerados pela adoção de uma ou outra estratégia de tradução ficam evidentes quando se compara, por exemplo, *Mi querido Rafa* e *Dear Rafe*, a tradução para o inglês, feita pelo próprio Hinojosa. Com o objetivo de possibilitar a leitura de *Mi querido Rafa* (que continha cerca de 80% de conteúdo em espanhol) aos leitores norte-americanos e aos jovens chicanos – entre os quais o inglês já era predominante e o espanhol, pouco corrente –, o autor publicou, em 1985, a versão bilíngue *Mi querido Rafa/Dear Rafe*. Essa tradução, ou “recriação”, como o próprio autor preferiu definir, torna evidentes as relações de poder inerentes às relações entre línguas e às escolhas que o tradutor é obrigado a fazer durante o ato tradutório.

Entre as escolhas de tradução de Hinojosa, as mais expressivas são aquelas relativas aos termos *bollilo* e *raza*, por serem esses termos que representativos do processo de constituição da identidade chicana e por carregarem forte conotação política e social. *Bollilo* é o termo que Jehú emprega, de forma pejorativa, quando se refere a norte-americanos de origem anglo-saxã. O termo, na cultura mexicana, define um tipo de pão, geralmente branco, fofo e de forma arredondada.

Já a palavra *raza* está ligada a um movimento de auto-afirmação de cultura chicana que teve origem e se desenvolveu a partir da década de 60 nos Estados Unidos, no contexto dos movimentos em prol dos direitos civis. Ou seja, o emprego desse termo-chave por Hinojosa é relativo aos jovens chicanos “que possuem consciência de sua ligação com as origens e as tradições mexicanas e, de forma ainda mais evidente, expressam o desejo de preservar tais origens na construção de sua identidade méxico-americana” (PLAZA, 2008, p.29).

Em *Mi querido Rafa*, ambos os termos *bollilo* e *raza* são os mais frequentemente empregados por Hinojosa. Contudo, em *Dear Rafe*, percebe-se o quase completo apagamento dessas marcas de diferença cultural.

Em *Mi querido Rafa*: “...**la bollila** que está a la izquierda...” (p. 12)

Em *Dear Rafe*: “...**the girl** on the left...”

Em *Mi querido Rafa*: “como ves, parte de **la raza** va recobrando terrenos y parcelas...” (p.25)

Em *Dear Rafe*: “and some of the **younger guys** are buying some of the lands...” (p. 31)

Fica evidente, assim, como determinadas escolhas de tradução carregam efeitos de sentido que podem não apenas implicar perdas de sentido no texto traduzido (aliás, nesse contexto, pensar em perdas da tradução deixa de ser algo relevante). Mais do que isso, as escolhas do tradutor vão definir que orientação a tradução terá, podendo funcionar como uma forma de manutenção de fronteiras e da hegemonia de culturas monolíngues dos chamados estados nacionais, ou como forma de resistência, de afirmar e reclamar a diferença. E essas consequências das escolhas do tradutor são ainda mais drásticas quando ele se depara com textos que carregam fortes conotações políticas e sociais, como aqueles representativos da literatura chicana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Textos como *Borderlands/La Frontera* e *Mi querido Rafe/Dear Rafe* são representativos de um novo panorama social e cultural do mundo ocidental. Ao assumir a postura pós-moderna de colocar a subjetividade e a linguagem no cerne de questões como nacionalismo, hibridismo cultural, hibridismo religioso, hibridismo sexual, hibridismo linguístico e feminismo, Gloria Anzaldúa convoca o leitor a também assumir uma postura pós-moderna de reconhecimento e aceitação da heterogeneidade em contraposição à homogeneidade característica da tradição ocidental. E, do ponto de vista linguístico, propõe a tradução como condição para a coexistência de diversas culturas, pois “é somente através de existirmos no modo da tradução, constante tradução, que teremos alguma chance de produzir um entendimento multicultural das mulheres ou, de fato, da sociedade” (BUTLER *apud* COSTA; ÁVILA, 2005, p.3). E isso confirma a tradução não apenas como a transmissão mecânica de significados de uma língua-fonte para uma língua-alvo, como foi tradicionalmente considerada pela tradição etnocêntrica ocidental, mas como uma situação em que estão em jogo ideologia, subjetividade, política e História.

O surgimento de textos que têm como base dois ou mais idiomas, que assumem o discurso pós-moderno de multiplicidade de vozes e culturas, põe em cheque o conceito de tradução como passagem entre duas línguas, e coloca o tradutor diante de uma rede de línguas muito mais complexa. Trata-se, como fica evidente na análise da auto-tradução realizada por Rolando Hinojosa, de uma complexa rede de negociação de significados, forças de poder político e social, que pode tanto ser utilizada em prol de sistemas dominantes quanto como forma de resistência ao poder instituído.

Assim, com base em uma análise crítica de tais obras literárias, como a que Anzaldúa e uma série de outros autores chicanos já produziram, é possível não apenas obter uma pequena amostra desses jogos de poder envolvidos no falar chicano, mas também observar que se trata de uma cultura linguística que está sempre em tradução. O chicano, ao se ver falando diferentes línguas, sempre de acordo com o contexto social em que se encontra e muitas vezes utilizando duas línguas ou mais em um mesmo enunciado, encontra-se a todo momento *atravesado* pela tradução.

Para além dos limites que a tradição ocidental lhe impôs, a tradução pode ser uma possibilidade de desconstruir a história. Talvez no sentido proposto por Niranjana (1992, p.8), a partir de uma análise etimológica da própria tradução, em diversas línguas:

Deve ficar claro, a partir deste ponto, que utilizo a palavra tradução não apenas para indicar um processo intralingual, mas para nomear toda uma problemática. Nomear essa problemática, ou traduzir a tradução, envolve uma série de questões, talvez um “campo” carregado pela força de todos os termos utilizados, mesmo pelo discurso tradicional da tradução. *Translatio* (do latim) e *metapherein* (do grego) sugerem, a um só tempo, movimento, ruptura, deslocamento. O *traducteur* francês existe entre as situações de *interprète* e *truchement*, o que indica que devemos elaborar uma prática translocal entre a interpretação e a leitura, possibilitando uma força de ruptura bem maior do que aquela presente na interpretação e na leitura propriamente ditas. O impulso ao deslocamento pode ser conferido também em outros termos latinos como *transponere*, *transferre*, *reddere*, *vertere*.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera – The New Mestiza**. 3.ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2007.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor” (1923). Trad. Susana K. Lages. Lucia Castello Branco (org.). In: **A tarefa-renúncia do tradutor: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte/MG: FALE-UFMG, 2008.
- BERMAN, Antoine. [1984] **A prova do estrangeiro**. Trad. de. Maria Emília Ferreira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- _____. [1985] **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- COLAS, Dominique. 1992. « Les politiques d'aide ». **Traduire l'Europe**. Françoise Barret-Ducrocq (org.). Paris: Payot, 1992. p.97-123.
- COSTA, Cláudia de Lima; AVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 3, 2005.
- DERRIDA, J. Roundtable on Translation. In: MCDONALD, Christie V. (Ed.). **The ear of the other: autobiography, transference, translation (texts and discussions with Jacques Derrida)**. Translated by: Peggy Kamuf. New York: Schocken Books, 1985, p. 91-164.
- _____. **Posições**. Trad. Maria Margarida Correia Calvente Barahona. Lisboa: Plátano Editora, 1975.
- _____. O que é uma tradução “relevante”? Trad. de Olívia Niemeyer dos Santos. **ALFA. Revista de Linguística**. v. 44, São Paulo: UNESP, p. 13-44, 2000.

- DICCIONARIO de la Lengua Española – Real Academia Española. 22.ed., 2009. [CD-Rom].
- DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- DICIONÁRIO PORTO de espanhol-português. Portugal: Porto Editora, 1993.
- HINOJOSA, R. **Dear Rafe**. Houston, TX: Arte Público, 1985.
- _____. **Mi querido Rafa**. Houston, TX: Arte Público, 1981.
- NIRANJANA, Tejaswini. **Siting Translation**. Berkeley: University of California Press, 1992.
- PAZ, Octavio. O pachuco e outros extremos. In: **O labirinto da solidão e Post-scriptum**. Trad: Eliane Zagury, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PLAZA, S.M. Hinojosa's self-translation of Dear Rafe into North-American culture: language use as a mirror of the social construction of chicano identity. **Translation Review**, n. 75, p. 28-34. Dallas: University of Texas at Dallas, 2007.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Conversations with Mexican American Writers. Languages and Literatures in the Borderlands? Ed. Elisabeth Mermann-Jozwiak and Nancy Sullivan. **World Englishes**, v. 29, p. 445-447, 2010.
- _____. Pós-modernidade e a tradução como subversão. I Encontro Internacional de Tradutores, 2000, São Paulo. **Anais...** 2000. p. 25-53.
- _____. Translation theories and language as the site for self-fashioning and power struggles. **Translatio**. v. XVII, n. 4, p. 432-441. Federation Internationale des traducteurs: Belgium, 1998.
- RUSHDIE, Salman. **Pátrias imaginárias: ensaios e textos críticos 1981-1991**. Trad. Helena Tavares et al. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Más allá de lo "propio": sobre la crítica y la necesidad de los Estudios Culturales. **Hispanic Issues On-line**, 2007, p. 41-46. Disponível em: <<http://hispanicissues.umn.edu/assets/pdf/4-HIOL-2-2.pdf>>.
- VENUTI, Lawrence. "Translation, simulacra, resistance". **Translation Studies**, London: Routledge, v. 1, p. 18-33, 2008.

Thaís Ribeiro Bueno

Mestranda em Tradução no Departamento de Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Unicamp. Bolsista CNPQ. Tradutora. Trabalha com tradução, multiculturalismo, transfronteira, identidades híbridas, pós-modernidade.

Viviane Veras

Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Linguística Aplicada - DLA no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL, Unicamp, nas áreas de Tradução e Teorias e Práticas de Interpretação de Textos. Tem experiência em Teoria e Análise Linguística, Tradução e Psicanálise, Revisão e Preparação de textos.